

Edição do livro-reportagem “Auri, a anfitriã”: a personificação do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa por meio do projeto gráfico¹

Ed Ney Borges DIAS²

Aline de Sousa MOURA³

Bárbara Almeida PEREIRA⁴

Kamila Bossato FERNANDES⁵

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o projeto gráfico do livro-reportagem “Auri, a anfitriã: Memórias do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa”. O produto gráfico foi criado como complemento para a obra das autoras Aline Moura e Bárbara Almeida, desenvolvida nas disciplinas de Projeto Experimental I e II – Produção Jornalística, do curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará. No livro, a prisão, nomeada Auri, ganha vida e narra trajetórias de mulheres que por ela passaram. Mais do que narradora, Auri é protagonista. O projeto gráfico corrobora para a personificação do espaço (com o uso de fotos, elementos gráficos, fontes, etc) e convida o leitor a conhecer os recônditos da estrutura física e da psique da personagem fictícia, ao mesmo tempo em que ajuda a contar histórias de vida de quatro personagens reais.

Palavras-chave: Edição; Livro-reportagem; Personificação; Produção gráfica; Projeto gráfico.

1. Introdução: “Quem é Auri?”

O Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa, única unidade prisional feminina do Ceará, fica localizado no km 27 da BR 116, no município de Itaitinga, Região Metropolitana de Fortaleza. Foi inaugurado originalmente em 1974, quando ainda ficava na capital, em um antigo convento da Congregação do Bom Pastor. Em 2000, passou a funcionar na nova instalação, planejada especificamente para tal finalidade.

A penitenciária possui cinco alas (A, B, C, D e E) que, juntas, têm capacidade para receber 374 detentas. Mas o número de internas oscila e ultrapassa essa marca, podendo chegar a quase 500, dentre brasileiras e estrangeiras (MOURA; ALMEIDA, 2013). Segundo dados da Secretaria da Justiça e Cidadania do Ceará (Sejus), até julho de 2013,

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar (PT), modalidade PT 01 – Edição de Livro (avulso).

² Estudante líder e graduando do 8º semestre do curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: ed.borgesdias@gmail.com.

³ Coautora e recém-graduada no curso Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo da UFC. E-mail: alinemourange@gmail.com.

⁴ Coautora e recém-graduada no curso de Jornalismo da UFC. E-mail: barbaraalmeida90@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho e professora da graduação em Jornalismo da UFC. E-mail: kamila.fernandes@gmail.com.

havia 459 mulheres presas, das quais 60% foram condenadas por tráfico de drogas e 57% não tinham antecedentes criminais⁶.

Porém, não é somente disso que é feita a Auri do livro-reportagem “Auri, a anfitriã: Memórias do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa”, produzido pelas autoras Aline Moura e Bárbara Almeida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará. Para além de estatísticas, Auri nasce dos relatos de mulheres que nela cumprem pena e das reflexões que lhe surgem sobre o sistema penitenciário e as relações de poder entre os gêneros masculino e feminino. A partir daí, Auri deixa de ser simples concreto. Vira consciência, aprende a questionar, adquire personalidade, corporifica-se, revela-se ser atuante nas quatro narrativas centrais que rememora e tece.

A personificação do espaço é desenvolvida através das figuras de linguagem na escrita, mas tem suporte imagético no projeto gráfico criado para o livro. Entende-se por projeto gráfico não só as escolhas que se referem à impressão, mas o desenvolvimento de conceitos visuais que permitam a consolidação de uma identidade própria e singular para o material editorial, capaz de se tornar uma fonte adicional de informação ao unir texto verbal e imagem (ARAÚJO, 2008, p. 277).

No caso de Auri, o arranjo visual pretende ser uma imersão não só no ambiente (espacial, temporal, social e cultural) do cárcere, mas na complexidade de sentimentos e ideias que perpassam o íntimo da protagonista e das presidiárias que nela estão. As narrativas são compostas essencialmente por forças conflitantes em disputa por poder. Há constante fricção entre a discriminação, a vigilância e a punição do sistema penitenciário e a tolerância, o acolhimento e a compreensão da narradora; entre a realidade do castigo e a necessidade de ressocialização; entre a estigmatização e a desconstrução de preconceitos; entre a legitimação dos privilégios de classes mais abastadas e a reação dos excluídos à desigualdade social; entre a masculinidade hegemônica opressora da “sociedade dos homens” fora dos muros e a feminilidade subversiva resistente no “ventre” de Auri. Esse cenário de embate é traduzido graficamente a partir do contraste entre diversos recursos visuais, característica que permeia toda a extensão do livro.

Este trabalho busca, então, detalhar o processo criativo da edição de “Auri, a anfitriã”, da concepção à diagramação e à arte-finalização. A partir dessa análise, espera-se

⁶ Disponível em < <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/07/60-das-detentas-do-ceara-foram-condenadas-por-trafico-de-drogas.html> >. Acesso em 23 mar 2014.

que seja possível perceber como as fotografias, as cores, os ícones e os tipos foram articulados em conjunto para transformar um prédio inanimado em organismo vivo.

2. Justificativa: “Estou aqui para convidá-lo a ler uma história”

A aparência de um livro se faz importante na medida em que ela pode estimular (ou, caso contrário, repelir) o leitor a conhecer o conteúdo. Investir no design editorial é potencializar a eficiência da comunicação empreendida pela obra e contribuir para que haja uma maior interação com a pessoa que a lê (BOGO, 2010, p. 13).

Bogo e Scoz salientam que a composição visual de um livro “participa ativamente na construção do sentido da obra e de sua relação com o leitor” (2011, p. 1). O estabelecimento do vínculo, firmado entre um enunciador e um enunciatário através de um contrato de leitura, “possibilita ao leitor acessar o conteúdo através de experiências verdadeiramente imersivas, fato essencial para a comunicação e o design editorial” (idem). Bogo, citando o autor Algirdas Julien Greimas, lembra que a leitura é um momento de ruptura com o mundo “natural” em direção a uma “realidade fictícia”, no qual o livro seria “a porta através da qual o leitor se transporta ao interior deste universo não-natural” (2010, p. 30). O design gráfico, assim, serviria como uma fonte de sedução, que convenceria o público a embarcar nessa viagem e o conduziria por entre as páginas (BOGO; SCOZ, 2011, p.10).

3. Objetivos: “Quero que conheça meu labirinto através do que tenho a contar”

O objetivo do projeto gráfico do livro “Auri, a anfitriã” é proporcionar uma experiência visual àqueles e àquelas que se deixam conduzir pela escrita. É dar rosto e silhueta à personagem Auri e ajudar a compreender o contexto em que as mulheres estão inseridas. É também instigar a curiosidade e representar, através de imagens, as particularidades de cada uma das quatro trajetórias de vida descritas no livro.

4. Metodologia, técnicas e ferramentas utilizadas: “Sou muito mais do que estas paredes rosas e do que os concursos de beleza”

O Instituto Penal Feminino Des^a. Auri Moura Costa é um meio marcado por características por vezes contraditórias. Se, por um lado, possui uma lugubridade comum aos presídios brasileiros (tendo como expoente máximo a “tranca”, cela solitária por baixo da qual passa todo o esgoto da penitenciária), por outro, distancia-se das unidades

masculinas por certas peculiaridades ditas mais “amenas”, como a creche, onde as mães ficam com os bebês até um ano de idade, os concursos de beleza e as paredes cor de rosa do corredor central (MOURA; ALMEIDA, 2013).

Na tentativa de transmitir essa dualidade, trabalhou-se com técnicas de contraste visual entre os diferentes elementos gráficos. Alguns exemplos disso são os usos de: variação de um corpo mais pesado e um mais leve de uma mesma fonte; um tipo serifado e um não-serifado; tipos regulares e irregulares; branco e preto; tons de gris e colorido (no caso da capa); verticalização e horizontalização das páginas, a depender da função; página solteira e dupla; filetes sóbrios e ilustrações delicadas; etc.

Fátima Ali, no livro “A Arte de Editar Revistas”, de 2009, lista alguns princípios para que uma revista tenha um “bom *layout*”, fundamentos que podem ser transferidos a outras produções editoriais. Dentre eles, Ali cita o contraste como recurso para estabelecer hierarquia de informações e dar movimento e graça ao projeto, além de servir para “destacar o que é mais importante ou o que melhor transmite o conteúdo ou uma determinada emoção” (2009, p. 145).

Dessa forma, no livro-reportagem em questão, essa técnica proporciona uma dinamização no design e uma caracterização emocional do local. Isso não significa dizer que não se atentou para outro princípio do “bom *layout*”, apontado por Ali: o equilíbrio. Em “Auri, a anfitriã”, construiu-se o equilíbrio que a autora classifica de informal, “intuitivo, dinâmico, com pesos assimétricos, formando um conjunto harmonioso” (ALI, 2009, p. 146).

Quanto às ferramentas, foram utilizados os softwares: Adobe Illustrator CS5, para as ilustrações; Adobe InDesign CS 5, para a diagramação e a criação do projeto gráfico; e Adobe Photoshop CS 5, para o tratamento de imagens.

5. Descrição do livro: “Prazer, chamo-me Auri”

5.1. Conceito – Capa, contracapa e miolo

Assim que os olhos do leitor pousam na capa de “Auri, a anfitriã”, deparam-se com uma das cenas mais costumeiras da unidade penal: o momento em que uma agente penitenciária ordena a uma das internas que volte à linha amarela riscada no chão para se locomover pelo corredor central. É sobre essa demarcação que as detentas devem se movimentar, de cabeça baixa e mãos às costas (MOURA; ALMEIDA, 2013, p. 23). O instante capturado encarna uma das reflexões que o filósofo Michel Foucault faz no livro

“Vigiar e Punir: nascimento da prisão”, originalmente publicado em 1975. Para Foucault, o sistema penitenciário se assemelha a outros sistemas disciplinares, como escolas, exércitos, hospitais, nos quais “é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações; para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração” (1999, p. 178).

Considerando que a capa tem uma função publicitária e é através dela que se dá o primeiro contato com a obra, é necessário criar um impacto visual com o uso das cores, dos tipos ou das imagens para prender a atenção de quem a vê (ARAÚJO, 2008, p. 435). Além disso, ela deve refletir o estilo gráfico do interior do livro (idem). Então, justifica-se o uso dessa fotografia na capa por ela ser repleta de significados, ser um resumo do conteúdo que será aprofundado no miolo e ser rica de elementos gráficos impactantes.

A linha amarela que “quebra” durante o percurso para, um pouco mais à frente, retornar à retidão é uma metáfora para as mulheres que “não andaram na linha” e agora precisam aprender a seguir sem mais “desvios”. A linha, em perspectiva diagonal, junto com os pontos de tensão criados pelo movimento das personagens, impregna de dinamismo a imagem. É ela ainda que define a cor amarela para o título e o ícone da lombada. O uso da linha ressalta também a verticalidade da foto e serve de “guia” ao leitor em meio aos “labirintos” que formam o espaço.

A própria textura áspera da figura já adianta ao público que tipo de realidade será encontrada ali. A diferenciação entre o preto, o branco e o amarelo e os corpos mais leves e mais pesadas da fonte *Helvetica* também são uma síntese dos demais contrastes que permeiam o livro.

Além disso, uma relação siamesa é estabelecida entre a capa e a contracapa. A primeira mostra a cena do ambiente interior, a partir do corredor principal em perspectiva: essa é Auri, que deixa exposta a artéria mais grossa do corpo. A segunda apresenta um cenário externo, uma fotografia da saída da prisão pela BR 116, também em perspectiva: essa é a posição do leitor, diante do ser Auri. O resumo é escrito e planejado como se fosse um bilhete, uma mensagem personalizada e assinada. Nele, a protagonista apresenta a si como “anfitriã”, introduz as histórias de suas “hóspedes” e convida o leitor a um passeio. Nesse ponto, é definido todo o conceito visual: um perambular pelos recônditos de Auri, edificação de cimento que ganha vida e descortina a alma (dela, do sistema e das mulheres que ali estão) para todos que aceitam o chamado.

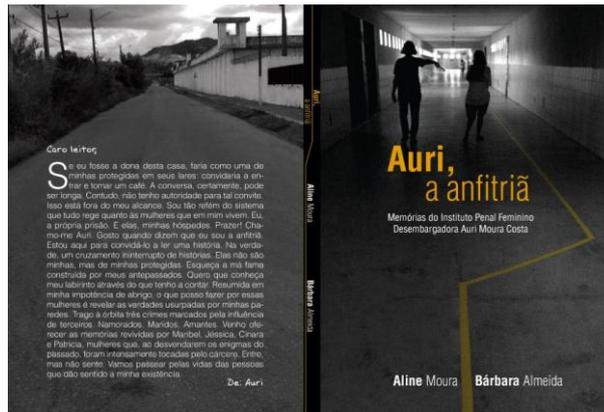


Imagem 1: Da esquerda para direita, contracapa, lombada e capa de “Auri, a anfitriã”

No miolo, cada tópico do texto é um passo em direção ao âmago da narradora. Aos poucos, Auri apresenta o rosto-fachada, os já conhecidos corredores, as agentes penitenciárias, as presidiárias, as peculiaridades dos seus “domínios”, os territórios extra-cela e por fim, a mesma imagem inicial da saída, com a pretensão de promover uma ressignificação a partir das experiências lidas. É o fim de uma jornada. Contudo, o horizonte da estrada aponta para dentro da obra, como se fosse lançado um novo convite, dando a chance de o leitor refazer caminho, agora com outra visão de mundo (ou outra visão daquele mundo).

O autor Eliseo Verón afirma que as escolhas realizadas no decorrer do livro devem “constituir invariantes, modalidades de discurso que se repetem e que, conseqüentemente, dão uma certa estabilidade à relação suporte/leitor” (2004, *apud* BOGO; SCOZ, 2011, p. 11). Assim, buscou-se em “Auri, a anfitriã” desenvolver um conceito gráfico que fosse exalado em todas as páginas, da capa, passando pela lombada e pelo miolo, à contracapa e pudesse firmar uma conexão com quem lê.

5.2. Estruturação, diagramação e arte-finalização

Quanto à estrutura do miolo, a obra possui páginas pré-textuais, textuais e pós-textuais. Dentre as pré-textuais, estão: a falsa folha de rosto; a folha de rosto ou frontispício; a página de créditos; os agradecimentos; o prefácio; a nota das autoras; e o sumário. O texto é dividido em: prólogo; três capítulos para as histórias de quatro mulheres (no primeiro, são contadas as trajetórias de duas reclusas que estão envolvidas em um mesmo delito); e epílogo. O pós-texto corresponde às referências bibliográficas.

Na folha de rosto, optou-se pela horizontalização e pela utilização geminada das páginas duplas (assim como no sumário e nas aberturas de capítulo). A foto do frontispício

reforça o convite para se entrar, feito na capa/contracapa. Os agradecimentos, o prefácio, a nota e as referências bibliográficas seguem um padrão específico: um filete simulando a linha amarela, dando fluidez ao ritmo de leitura. Ele é usado como suporte do título, escrito em *Helvetica Light*. Já ao sumário, que tem a função de orientar o leitor na sequência de páginas, ficou reservada uma foto em detalhe da “linha-guia”.

As partes textuais são donas de um modelo visual diferenciado. Todas iniciam com uma foto de página dupla, que está diretamente relacionada ao assunto tratado no capítulo, acompanhada do título, da identificação (ex. “Capítulo 1”, “Capítulo 2”) e do nome da personagem (ex. “Auri”, “Maribel e Jéssica”, “Cinara”, “Patrícia”).

No prólogo e no epílogo, são mostrados, respectivamente, a frente de Auri e os espaços fora das alas, estabelecendo o paralelo de “início” e “fim”. Os capítulos referentes às internas apresentaram o desafio de não haver fotos das personagens, por decisão das autoras de preservar as identidades (os nomes das internas são, inclusive, fictícios). Por isso, foram utilizadas cenas do cotidiano do cárcere que remetiam às retratadas.

No capítulo um, sobre Maribel e Jéssica, chamado de “As estrangeiras”, mostra-se um grupo de mulheres em referência à quantidade considerável de pessoas de outros países que cumprem pena em Auri. No capítulo dois, sobre Cinara, intitulado de “A amante dos livros”, observa-se um dos tantos gatos da prisão se esgueirando por entre as grades, em referência à permissão que Cinara tem de sair da penitenciária para ir à faculdade. No capítulo três, sobre Patrícia, batizado de “A mãe do *crack*”, utiliza-se o detalhe do braço de uma pessoa no qual está tatuada a frase: “tudo posso naquele que me fortalece”, em referência ao fator da fé, tão presente nessa história em particular.

Em seguida à abertura dos capítulos, vem a “página-olho”, que carrega uma fala emblemática do capítulo, proferida pela personagem em questão. Depois, vem o texto propriamente dito, entrecortado em determinado momento por uma foto principal de página inteira, sem sangria e verticalizada. No fim dos capítulos, há uma galeria de fotos menores que estão ligadas a aspectos gerais da prisão, obedecendo à lógica estabelecida no conceito.

Quanto à diagramação e às medidas, o livro tem um tamanho padrão de 15 cm de comprimento por 21 cm de altura. A mancha gráfica, formada por textos dispostos em uma só coluna, tem margens superior e inferior de 2,5 cm, externa de 1,5 cm e interna de 1 cm. Também há sangria de 5 mm nas aberturas de capítulo, em que as fotos excedem as margens. No total, foram produzidas 152 páginas de miolo, mais quatro de capa.



Imagem 2: Elementos pré-textuais (acima: falso rosto, frontispício, sumário e prefácio) e textuais (abaixo: abertura de capítulo, “página-olho” e texto, foto principal do capítulo e texto)

5.3. Elementos da identidade visual – tipografia, fios, ilustrações, fotos e cores

Diversos recursos gráficos permitiram o nascimento gráfico de Auri. Com relação à tipografia, foram quatro os tipos usados, em diversas variações: *Helvetica*, *Homizio*, *Minion Pro* e *Scott*. Privilegiou-se a *Helvetica* nos títulos, na paginação e no cabeçalho devido à legibilidade da fonte e à ausência de serifa. Dentre as variantes, as principais foram a *Helvetica Condensed*, para dar a noção de “espaço comprimido” da prisão e a *Helvetica Neue Light*, para imprimir delicadeza em algumas ocasiões. A *Homizio*, fonte sem serifa mais arredondada que a *Helvetica*, foi empregada nos “intertítulos” e assinaturas no prefácio e na nota das autoras. Em contraposição, a *Minion Pro*, fonte serifada, foi usada no corpo do texto para dar fluidez à leitura. Restou à *Scott*, fonte fantasia, dotar o *layout* de certa rudeza, por possuir uma aparência irregular. Ela também foi utilizada em momentos de destaque específicos, como as assinaturas de Auri na contracapa e no epílogo, o nome das personagens na “página-olho” e a referência à Auri nos agradecimentos.

Fontes			
Helvetica Regular	Homizio Regular	Minion Pro Regular	Scott Regular
Helvetica Neue Regular	Homizio Bold	Minion Pro Bold	
<i>Helvetica Neue Italic</i>	Homizio Light	<i>Minion Pro Italic</i>	
Helvetica Neue Light			
Helvetica Condensed Regular			
Helvetica Condensed Bold			
Helvetica Condensed Light			

Imagem 3: Fontes e variações utilizadas no projeto gráfico

Compreendendo a linha central como bússola do leitor, direcionando o olhar sempre à frente, um fio similar a ela foi adotado para compor a identidade, principalmente com a

função de separar elementos distintos. Por isso, é possível perceber a presença dele para distinguir o cabeçalho do restante do texto e destacar o título nas páginas pré e pós textuais.

A ilustração da renda, no formato de flor e em cinza, tem como principal função lembrar a feminilidade que habita enclausurada em Auri. A ilustração foi aplicada por dois motivos. O primeiro, por a renda ser uma marca do artesanato cearense, imprimindo, assim, um caráter regional. O segundo, por remeter à oficina de costura da tia Neném, um dos locais de trabalho dentro do instituto. A forma do desenho é bastante complexa, por isso o cinza foi eleito como cor para contrabalancear, ser uma “simplificação” da imagem, já que tem um dos menores poderes de atração entre as cores (COLLARO, 2007, p. 28).

Todas as fotografias do livro são de Daniel Muskito, que acompanhou as autoras Aline e Bárbara em um dia de apuração. Com exceção daquela estampada na capa, as demais estão em preto e branco. Tal decisão foi influenciada por variadas razões, desde a viabilidade econômica do projeto até a ênfase e o impacto visual que o tratamento poderia dar às imagens. Outro fator determinante para a escuridão e a ausência de cores foi a preservação da identidade das internas. Por fim, também houve a intenção de representar um ambiente de clima sombrio, com pouca luz, invisível à ou invisibilizado pela sociedade.

A paleta de cores se alinha ao tratamento em preto e branco das fotos. Além do preto e branco, são utilizados tons de cinza (nos fios e nas ilustrações de renda) e amarelo (na capa).

Paleta de cores

Branco: C = 0% M = 0% Y = 0% K = 0%	Preto: C = 0% M = 0% Y = 0% K = 100%	Cinza 1: C = 10% M = 7% Y = 8% K = 100%	Cinza 2: C = 22% M = 17% Y = 18% K = 0%	Cinza 3: C = 49% M = 42% Y = 42% K = 5%	Amarelo: C = 10% M = 42% Y = 100% K = 0%
--	---	--	--	--	---

Imagem 4: Paleta de cores usadas no livro

6. Considerações finais: “Gosto quando dizem que eu sou a anfitriã”

A escrita de “Auri, a anfitriã” possibilita a quem lê o livro uma visão humana de Auri. Entretanto, a construção da psique dela não é uma responsabilidade apenas da linguagem verbal. Afinal, como frisam Bogo e Scoz, “o design de um livro não somente toma um sistema pronto, mas também o constrói” e “interfere na apreensão do significado” da obra em geral (2011, p.3).

Por isso, a identidade visual criada para o livro-reportagem, em consonância com a narrativa, ajuda a materializar a personificação da penitenciária e amplia a experiência da leitura. No decorrer do texto, o público vai conhecendo os detalhes das histórias das

personagens, ao mesmo tempo em que é visualmente convidado a fluir pelos corredores-veias do espaço.

Quando Auri, no resumo da contracapa, sugere ao leitor um passeio, ela não quer apenas uma visita impessoal nem uma conversa do lado de fora, do asfalto da estrada. Quer envolvimento, pessoalidade, mergulho, imersão. Quer que sejam conhecidos os recantos dos “seus domínios”, das alas internas ao parquinho externo, abandonado, sem crianças, em ruínas. A protagonista não pretende apenas informar os fatos que levaram as quatro “hóspedes” até ela, mas também levantar reflexões sobre o sistema carcerário que a rege e o contexto sócio-cultural em que as mulheres estão inseridas. Nessa empreitada de anfitriã, Auri tem como um dos suportes o projeto gráfico, que busca espelhar o ser tão vivo e questionador que ela o é.

Referências Bibliográficas

ALI, Fatima. **A arte de editar revistas**. São Paulo, SP: Cia. Ed. Nacional, 2009. 399 p.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios da técnica de editoração**. Rio de Janeiro, RJ: Lexikon Editora Digital, 2008. 635 p.

BOGO, Marc Barreto. **A significação no projeto gráfico de livros: Uma caçada aos sentidos imersos em Moby Dick, do frontispício ao colofão**. TCC (Graduação) – Curso de Design com Habilitação em Design Gráfico, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC: 2010, 87p. Disponível em: <<http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/00000000011/00001151.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

BOGO, Marc Barreto; SCOZ, Murilo. **A relação enunciador-enunciatário no projeto gráfico de livros**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 5ª edição, Florianópolis, SC: 2011, 11 p. Disponível em <http://www.academia.edu/3073607/A_relacao_enunciador-enunciatario_no_projeto_grafico_de_livros>. Acesso em 23 mar 2014.

COLLARO, Antonio Celso. **Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2007. 158 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 288p.

MOURA, Aline; ALMEIDA, Bárbara. **Auri, a anfitriã: Memórias do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa**. TCC (Graduação) – Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE: 2013, 152 p.